



**Família protagonista de *Vidas processadas***

real na pele desses personagens. “Existem séries, sitcoms e outros tipos de comédia em que fica claro que a ideia é buscar o riso, mas, para nós, o desafio foi encontrar um tom que tem realidade o suficiente para ser relacionável, mas ser tão agudo nessa realidade que causamos o riso, seja de nervoso, de vergonha, seja uma gargalhada do hilário”, reflete David Oyelowo.

“Essa série é uma forma maravilhosa de introduzir perspectivas, ideias e verdades para as pessoas”, afirma Bokeem Woodbine, responsável pelo personagem Bootsy. O ator entende que a série transmite a mensagem por meio do estranhamento e do riso. “Quando você discursa do púlpito, você vai receber uma resposta previsível, porque as pessoas já esperam a forma como você está falando. Mas algumas pessoas vão confundir as palavras apenas com um barulho”, analisa o artista. “Porém, se for possível transmitir a mesma mensagem de uma forma mais descontraída e até engraçada, sem palestrar, você só está passando informações. Dessa forma, você pode ter mais impacto, porque as pessoas não vão responder de forma premeditada”, completa.

No fim, a série encontra um formato novo de transmitir as próprias ideias para o público. É uma comédia diferente, mas que ainda atende tudo que é esperado do comico. Vidas processadas são, verdadeiramente,

algo novo no catálogo dos streamings. “É a hora de abraçar novas ideias e possibilitar narrativas que contam histórias de uma maneira original”, exalta Carr.

## Uma nova ótica

Outra novidade que a série traz não deveria ser tão nova assim. “É muito raro ver pessoas que se parecem conosco apresentadas de uma forma parecida na tevê, em um lugar ou tempo como o da série”, reflete Simone Missick, que vive Astoria, esposa do protagonista. A série realmente tem um ótica única, com uma família negra vivendo uma vida que tem seus problemas, mas não é só sobre traumas. “Eu diria que eu nunca vi uma família negra norte-americana sendo retratada dessa forma ou por essa ótica. São muitas nuances e excentricidades que nunca foram mostradas dessa forma no audiovisual”, adiciona Jahi Di’Allo Winston, intérprete de Harrison.

O fato faz da série um retrato de um novo olhar que diz muito mais respeito à atualidade. “Sendo sincero, eu não acredito que a gente teria tanto sucesso com essa série há 20 anos, nem mesmo 10 anos atrás. Não acho que as pessoas estariam preparadas”, pondera Bokeem Woodbine. “Agora, é a hora perfeita para uma série como essa. Só poderia ser agora”, crava o veterano do audiovisual.

## Furadeira autoafiável

O projeto da furadeira autoafiável de Hampton é muito mais do que uma ideia para o personagem, é um perspectiva de um futuro diferente para um ex-presidiário que tem muito mais chances de viver à margem da sociedade. Porém, se tratada como uma metáfora, essa furadeira é uma realidade para todos nessa série. “A série por si só, para mim, é a minha furadeira autoafiável”, diz David Oyelowo. “Como um ator, produtor e contador de histórias, eu procurei durante toda a minha carreira formas inovadoras, interessantes, empolgantes, globais e expansivas de contextualizar vidas pretas para uma audiência mundial”, complementa.

A história, afinal, é sobre sonhar e realizar. Os atores ali estão, portanto, vivendo a mensagem da série. “Todo dia que eu tenho a oportunidade de me expressar, e trabalhar é um sonho para mim. O fato que eu poder trabalhar com o que trabalho todo dia é lindo”, diz Winston. “O meu eu de 10 anos está gritando agora só de estar aqui. Eu continuo perseguindo o sonho desses menino, mas percebo agora que o sonho é essa perseguição. É sobre a jornada, sobre estar constantemente apaixonado e buscando mais. Esse tem sido o melhor projeto com as melhores pessoas que já trabalhei”, complementa Evan Ellison, responsável pelo personagem Einstein.



**A furadeira autoafiável é o sonho de um futuro melhor**